

Apresentação

O ENSINO DAS CIÊNCIAS EM MOMENTO DE PANDEMIA

Editores

Eline das Flores Victer
Sonia Regina Mendes dos Santos

Por eso hoy, más que nunca, tenemos que dejar atrás las falsas y peligrosas ilusiones de independencia. Lo más importante que podemos aprender de esta pandemia es que no vivimos aislados – ni ahora ni nunca-, porque la vida es siempre convivencia, influencia y afectación mutua. No hay aislamiento alguno: han variado los modos de la presencia, la expresión de los afectos, los medios de interactuar, las formas de circular (NAJMANOVICH, 2020).

Para apresentar o dossiê **O ENSINO DAS CIÊNCIAS EM MOMENTO DE PANDEMIA**, acreditamos na possibilidade de trazer para o diálogo com os pesquisadores e leitores não apenas quanto a pandemia influenciou em nossas vidas pessoais, mas, sobretudo, nos desafios impostos aos educadores.

Podemos afirmar que todos tivemos que enfrentar mudanças. Quem sabe algumas pessoas foram capazes de ressignificar sua presença no mundo, seus espaços e ocupação do tempo? Além de atribuir novos argumentos para as escolhas que fizeram e farão. Ter se admirado das arrumações internas que precisaram fazer, deixando o estilo de vida para trás. Para todos, de alguma forma, emergiram variações sobre o devir humano até então inimaginável. O inusitado se interpôs em nossas vidas e nos fez rever conceitos, posturas e atitudes.

No campo já vivido dos tempos pós-modernos de fragmentações, de fluidez, de particularismos, de individualismos e indiferença, Santos (2000) alertou, no início deste século, sobre a vivência de um momento de transição paradigmática, no qual não só o padrão da modernidade estava em declínio, mas também a submissão ou incorporação do pilar da emancipação no apoio à regulação, realizado em duas vertentes: uma epistemológica e, outra, social. Em termos de sociedade, ainda em cenário impreciso, sabia-se que o modelo dominante do consumismo individualista, do desenvolvimento global excludente de produção capitalista estava em transição.

Em termos de conhecimento, em que o suporte da regulação absorveu o conhecimento da emancipação, imperava a racionalização da vida coletiva, a imposição da racionalidade cognitivo-instrumental sobre as outras formas de racionalidade. Paulatinamente, a ciência tornou-se regulada pelo mercado. Como alternativa, seria necessária a insurgência de novos princípios capazes de

construir a pilar emancipatório. Seriam o princípio da comunidade em suas dimensões: participação e solidariedade, e a racionalidade estético-expressiva, quase sufocada pelo controle das formas de prazer e tempos livres, sendo capaz de manter a individualidade.

Em tempos de pandemia, a ciência, vista ainda numa forma de conhecimento superior, isolada e intocável, parece dar indícios de recuperar o conhecimento emancipação, “conhecimento prudente para uma vida decente” (SANTOS, 2000) em suas dimensões: a solidariedade, a participação, o prazer, a autoria e a “artefactualidade” discursiva, esta última, que o autor reconhece como a percepção do fim da possibilidade de conhecimento, agora substituído por crenças e narrativas ficcionais sobre o próprio real.

Em plena pandemia de Covid-19, que levou a óbito milhares de pessoas em todo o mundo, o isolamento social foi definido de modo imperativo para a vida humana, bem como o uso das tecnologias, que foram buscadas numa aura de poder quase mágico de renovação atribuído aos artefatos tecnológicos. Tal visão não estabeleceu condições para uma análise crítica dos modelos de ensino, transformados em inovadores pelo uso das tecnologias, ao mesmo tempo que tidos como conservadores pelo uso expressivo do formato de aulas centradas na figura do professor e na transmissão de conhecimento unidirecional.

O privilegiar das tecnologias nas propostas de amplo alcance educacional desencadeou múltiplas reflexões teóricas e argumentativas sobre o uso dessas tecnologias. Ao interagir com as diferentes linguagens, os educadores vislumbraram um ser humano flexível, criativo, disposto a ser envolvido pela avalanche digital. Nos artigos desse dossiê, pode-se ressaltar que o saber adentrou a casa, mas não a de todos. Os vulneráveis estão na rede, submetidos à narrativa de “salvação” dos espaços educativos através da técnica, que impõem que as concepções de conhecimento sejam mantidas nos moldes da transmissão de modo unilateral, em suas aulas, e, do outro lado, a noção de que a utilização das tecnologias não alcançou os que estão à margem da sociedade. Como enriquecer os processos educativos? Creio que por meio dos debates fundantes, pelas contribuições e as reflexões a respeito de quais problemas e soluções estão sendo apontados para a educação, mantendo-se uma perspectiva crítica. Práticas e saberes sobre o ensino das Ciências, sob ditames de uma pandemia, indicam que a racionalização da vida coletiva começa a ser revista e, conseqüentemente, inspiram uma visão mais solidária.

Referências

SANTOS, B. S. **A Crítica da Razão Indolente**: Contra o desperdício da experiência. Porto, Edições Afrontamento. 2000

NAJMANOVICH, D. **Pensar em tempos de Pandemia**. 2020. Disponível em: <<http://denisenajmanovich.com.ar/?p=2724>>. Acesso em: 20 de nov. 2020.